DOI: 10.33148/CES.V40I2.2789

NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS DA NAÇÃO XAMBÁ NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

Netanias Silva de Siqueira Junior[1]
Wagner Lins Lira[2]

RESUMO

Este ensaio etnográfico analisa as práticas educativas desenvolvidas no Centro Cultural Grupo Bongar – Nação Xambá, localizado no Quilombo Urbano Portão do Gelo, em Olinda (PE), com enfoque na formação das identidades étnico-raciais e nas estratégias de resistência ao racismo estrutural e ao epistemicídio. A pesquisa, de abordagem qualitativa e fundamentada na etnografia, utilizou observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos como procedimentos de produção dos dados. Os resultados evidenciam o Centro Cultural como um território educativo afrocentrado, no qual a oralidade, a ancestralidade, a memória coletiva e a convivência comunitária constituem elementos centrais na construção e preservação das identidades culturais. Os relatos das educadoras e da liderança revelam que as práticas educativas desenvolvidas no terreiro fortalecem a formação identitária e o sentimento de pertencimento, reafirmando a interseccionalidade como importante chave de compreensão das experiências vividas pelas mulheres da comunidade. Conclui-se que a Nação Xambá constitui um espaço legítimo de produção de conhecimentos, capaz de desafiar paradigmas eurocentrados e valorizar epistemologias negras.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Nação Xambá; Interseccionalidade; Epistemologias negras.

1 ORCID: https://orcid.org/0009-0001-0674-1630 - Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: jrsiqueira.academico@gmail.com

2 ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5174-980X - Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: wagner.lira@ufrpe.br

ETHNOGRAPHIC NOTES ON THE EDUCATIONAL AND CULTURAL PRACTICES OF THE XAMBÁ NATION IN THE FORMATION OF ETHNIC-RACIAL IDENTITY

ABSTRACT

This ethnographic essay examines the educational practices developed at the Bongar Cultural Center – Xambá Nation, located in the Urban Quilombo Portão do Gelo, in Olinda, Pernambuco, Brazil, focusing on the formation of ethno-racial identities and strategies of resistance to structural racism and epistemicide. Grounded in a qualitative ethnographic approach, the study employed participant observation, semi-structured interviews, and photographic records as data collection procedures. The findings reveal the Cultural Center as an Afro-centered educational territory, where orality, ancestry, collective memory, and community life constitute fundamental elements in the construction and preservation of cultural identities. The testimonies of the educators and the community leader demonstrate that the educational practices developed within the terreiro strengthen identity formation and the sense of belonging, while highlighting intersectionality as an important analytical framework for understanding the experiences of women in the community. The study concludes that the Xambá Nation represents a legitimate space for knowledge production, challenging Eurocentric paradigms and affirming Black epistemologies.

KEYWORDS: Ethnography; Nação Xambá; Quilombola education; Intersectionality; Black epistemologies.

NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE LAS PRÁCTICAS EDUCATIVAS Y CULTURALES DE LA NACIÓN XAMBÁ EN LA FORMACIÓN DE LA IDENTIDAD ÉTNICO-RACIAL

RESUMEN

Este ensayo etnográfico analiza las prácticas educativas desarrolladas en el Centro Cultural Grupo Bongar – Nação Xambá, ubicado en el Quilombo Urbano Portão do Gelo, en Olinda, Pernambuco, Brasil, centrándose en la formación de identidades étnico-raciales y en las estrategias de resistencia frente al racismo estructural y al epistemicidio. La investigación, de enfoque cualitativo y fundamentada en la etnografía, empleó la observación participante, entrevistas semiestructuradas y registros fotográficos como procedimientos para la obtención de datos. Los resultados evidencian que el Centro Cultural es un territorio educativo afrocentrado, donde la oralidad, la ancestralidad, la memoria colectiva y la convivencia comunitaria constituyen elementos centrales en la construcción y preservación de las identidades culturales. Los relatos de las educadoras y de los líderes revelan que las prácticas educativas desarrolladas en el terreiro fortalecen la formación identitaria y el sentido de pertenencia, reafirmando la interseccionalidad como una clave importante para comprender las experiencias vividas por las mujeres de la comunidad. Se concluye que la Nação Xambá constituye un espacio legítimo de producción de conocimientos, capaz de desafiar paradigmas eurocéntricos y valorar las epistemologías negras.

PALABRAS CLAVE: Etnografía; Nação Xambá; Interseccionalidad; Epistemologías negras.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, nação marcada pela herança colonial escravocrata, ainda vivência profundas desigualdades raciais, históricas e simbólicas que se expressam nos mais diversos campos da vida social, notadamente na educação. Estudos recentes do Ministério da Educação mostram que, apesar de políticas afirmativas como as cotas sociais, continuam persistentes disparidades no acesso, permanência e desempenho de estudantes pretos, pardos e indígenas no sistema educacional brasileiro, revelando que o racismo estrutural e as desigualdades de oportunidades ainda impactam negativamente esses grupos socialmente marginalizados (Governo Federal, 2024). A despeito dos avanços legislativos e institucionais em torno da valorização da diversidade cultural e da promoção da equidade racial, como a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, os desafios da implementação efetiva dessas diretrizes continuam sendo imensos (Carvalho, 2001).

Nesse contexto, torna-se fundamental investigar os espaços não escolares que operam como territórios educativos e que, a partir de uma lógica própria, forjam processos formativos baseados na "ancestralidade", na coletividade e na resistência. A literatura educacional contemporânea destaca que esses territórios que incluem comunidades, movimentos sociais e práticas coletivas configuram-se como ambientes de aprendizagem crítica, em que sujeitos socialmente marginalizados criam e compartilham saberes enraizados em experiências de vida e resistências socioculturais (Sousa; Borges, 2023). Um desses espaços é o Centro Cultural Grupo Bongar – Nação Xambá, situado em Olinda (PE), no Quilombo Portão do Gelo. Este centro cultural atua como um espaço de preservação da memória afro-brasileira e de valorização das tradições religiosas e culturais do povo Xambá, uma das nações do candomblé presentes no Brasil.

Trata-se de um terreiro de candomblé com histórico de luta, preservação cultural e atuação comunitária, que reúne práticas religiosas, musicais, pedagógicas e políticas (Santos; Costa, 2022). A Nação Xambá, uma das poucas linhagens afro-religiosas reconhecidas oficialmente como remanescente de quilombo no Brasil, constitui um campo fértil para a análise etnográfica diante da compreensão das dinâmicas identitárias, educativas e simbólicas entre as populações negras em contextos de terreiro.

Pesquisas contemporâneas sobre memória e identidade cultural ressaltam que os lugares de memória do Terreiro Nação Xambá são fundamentais para a preservação de tradições, transmissão de saberes e afirmação das identidades coletivas da comunidade afrodescendente, evidenciando o papel desses espaços no fortalecimento da cultura negra diante das persistentes desigualdades socioculturais (Silva; Netto; Oliveira, 2023).

O presente estudo, por sua vez, tem como objetivo analisar as práticas educativas e culturais desenvolvidas pela Nação Xambá, enfatizando seu papel na formação das identidades étnico-raciais e na construção de estratégias de resistência ao racismo estrutural e ao epistemicídio.

Especificamente, busca-se: (1) identificar os saberes tradicionais transmitidos nas práticas culturais da Nação Xambá e suas contribuições para a valorização da ancestralidade afro-brasileira; (2) examinar os mecanismos pedagógicos utilizados na transmissão desses saberes no contexto comunitário e religioso; e (3) compreender de que maneira essas práticas funcionam como formas de resistência frente às violências simbólicas e institucionais impostas pelo racismo estrutural.

Seguindo Fonseca *et al* (2025), nossa proposta parte do reconhecimento de que os terreiros não apenas abrigam manifestações religiosas, mas também funcionam como espaços de socialização de saberes, valorização da memória ancestral e fortalecimento das subjetividades negras.

As práticas cotidianas, como os rituais, os cânticos, as danças, os ensinamentos orais e as ações comunitárias compõem um rico repertório formativo que ultrapassa os limites da escola e desafia as epistemologias ocidentais dominantes.

Já acerca do letramento racial e das práticas educativas antirracistas, tais expressões culturais atuam como "instrumentos de afirmação identitária, resistência cultural e promoção da inclusão social", contribuindo significativamente para a construção de identidades e para o enfrentamento do racismo estrutural no espaço educativo (Rocha *et al*, 2025).

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva etnográfica, por compreender que esse percurso metodológico favorece a aproximação com o cotidiano dos sujeitos e possibilita apreender os significados que atribuem às suas práticas culturais e educativas em um contexto de resistência afrodescendente. Nessa direção, a etnografia constituiu o eixo metodológico central da pesquisa, articulando observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros imagéticos como estratégias complementares para a produção dos dados.

O trabalho de campo foi realizado entre os dias 28 de outubro e 2 de dezembro de 2025, período que envolveu tanto a preparação da pesquisa quanto a realização das observações, entrevistas e a organização inicial do material empírico. A imersão no Centro Cultural Grupo Bongar – Nação Xambá ocorreu em dois momentos: o primeiro, em 5 de novembro, das 16h às 20h, e o segundo, em 1º de dezembro, das 11h às 13h, totalizando aproximadamente seis horas de observação participante. Ao longo dessas visitas, foi possível acompanhar rodas de conversa, oficinas, atividades educativas, prá-

ticas religiosas e momentos de convivência comunitária, experiências que contribuíram para compreender as dinâmicas do terreiro em seu contexto cotidiano.

Na sequência, o material produzido foi organizado e sistematizado por meio dos diários de campo, dos registros fotográficos e da transcrição das entrevistas, realizada logo após cada etapa da pesquisa. Esse procedimento buscou preservar a riqueza das observações, das interações vivenciadas e das narrativas compartilhadas pelas interlocutoras, reduzindo possíveis perdas de informações decorrentes do intervalo entre a experiência em campo e sua análise.

Quanto aos participantes, a pesquisa contou com a colaboração de três mulheres, escolhidas intencionalmente em razão de sua atuação direta nas atividades educativas e culturais desenvolvidas pela Nação Xambá. Participaram uma liderança religiosa e comunitária e duas educadoras, cujas trajetórias permitiram compreender diferentes aspectos relacionados à ancestralidade, à construção das identidades étnico-raciais e às práticas formativas vivenciadas no terreiro. A seleção das colaboradoras considerou, portanto, tanto o papel desempenhado por elas nas ações do Centro Cultural Grupo Bongar quanto sua disponibilidade e interesse em participar da investigação.

A opção pelas entrevistas semiestruturadas mostrou-se adequada por possibilitar que as participantes narrassem suas experiências com liberdade, ao mesmo tempo em que assegurava a abordagem dos temas centrais da pesquisa. Desse modo, foi possível aprofundar questões relacionadas à ancestralidade, aos processos educativos, à construção da identidade étnico-racial e às estratégias de enfrentamento ao racismo. Em complemento, os registros imagéticos e as anotações produzidas durante a observação participante permitiram documentar aspectos simbólicos, espaciais e relacionais que dificilmente seriam apreendidos apenas por meio das entrevistas.

Por fim, todas as etapas da investigação foram conduzidas em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. As colaboradoras foram previamente informadas sobre os objetivos da pesquisa e manifestaram seu consentimento mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Considerando que autorizaram expressamente sua identificação e a utilização das imagens produzidas durante o trabalho de campo, optou-se pela utilização de seus nomes verdadeiros ao longo deste texto.

Espera-se, com este estudo, contribuir para o fortalecimento dos debates acadêmicos em torno das pedagogias de terreiro, dos territórios educativos afrocentrados e das epistemologias negras, valorizando as práticas formativas oriundas das tradições afro-brasileiras como saberes legítimos.

Ao reconhecer o terreiro como espaço de produção de conhecimento, o trabalho reafirma a urgência de uma educação decolonial, plural e comprometida com a justiça social e o enfrentamento das desigualdades raciais e epistemológicas historicamente naturalizadas no Brasil.

2 APORTES TEÓRICOS

A compreensão das práticas educativas e culturais desenvolvidas pela Nação Xambá exige uma ampla abordagem teórica, que articule os campos da educação, antropologia e estudos étnico-raciais. Nesse sentido, a etnografia assume papel central não apenas como método de pesquisa, mas como perspectiva epistemológica que valoriza o conhecimento situado, o olhar imersivo e a uma escuta sensível aos sujeitos em seus contextos socioculturais (Silva; Netto; Oliveira, 2023).

A tradição etnográfica, ancorada em autores clássicos, possibilita o entendimento das práticas cotidianas como expressões culturais dotadas de sentidos próprios. No contexto brasileiro, tal abordagem ganha densidade quando aplicada a comunidades afrodescendentes, onde o conhecimento tradicional, os rituais religiosos e as práticas educativas se entrelaçam de modo indissociável (Miranda, 2024).

De acordo com Pereira *et al.* (2022), os terreiros de candomblé constituem espaços de sociabilidade, espiritualidade e memória coletiva, nos quais práticas ancestrais são continuamente atualizadas por meio da convivência comunitária. Mais do que preservar tradições, esses espaços promovem processos permanentes de afirmação identitária, nos quais a oralidade desempenha papel estruturante ao possibilitar que histórias, ensinamentos e valores sejam compartilhados entre as gerações. Desse modo, identidade e oralidade aparecem como dimensões indissociáveis da experiência educativa vivenciada nesses territórios culturais.

Conforme Mattos (2011), a etnografia constitui um processo investigativo orientado, sobretudo, pelo senso crítico e questionador do próprio etnógrafo. A aplicação de suas técnicas e procedimentos metodológicos e etnográficos não se baseia em padrões rígidos ou modelos pré-estabelecidos, mas é conduzida pelas demandas emergentes do trabalho de campo e pelas interações estabelecidas no contexto social pesquisado (Mattos, 2011).

De acordo com Fonseca *et al.* (2025), outro fator importante são as políticas educacionais que valorizem a diversidade, rompam com a lógica eurocêntrica do currículo e incorporem os saberes afro-brasileiros como parte integrante do processo formativo. De igual modo, é preciso considerar a identidade não como um dado estático,

mas um processo dinâmico de reconhecimento, negociação e afirmação em contextos marcados por desigualdades históricas.

Conforme Portuguez e Marcelino (2022), a educação desenvolvida em espaços não escolares, como os terreiros, caracteriza-se por uma pedagogia fundamentada na oralidade, na corporeidade e na vivência comunitária. Nesses contextos, o conhecimento é construído e compartilhado por meio da convivência cotidiana, das narrativas, dos ritos e da participação coletiva, em um processo no qual ensinar e aprender se entrelaçam de forma contínua. A religião afro-brasileira constitui, assim, não apenas uma prática espiritual, mas também um espaço de formação humana e de preservação da memória ancestral, configurando-se como estratégia de enfrentamento ao epistemicídio e ao racismo estrutural.

Essa perspectiva dialoga com a concepção de território educativo apresentada por Lima e Tetzlaff (2024), segundo a qual os processos formativos ultrapassam os limites da escola e se desenvolvem em diferentes espaços sociais. No caso da Nação Xambá, o terreiro se constitui como um território onde a oralidade ocupa lugar central na construção dos vínculos comunitários e na circulação dos saberes, por meio dos rituais, das rodas de conversa, dos cantos, das narrativas ancestrais e das práticas culturais compartilhadas entre diferentes gerações.

Sob essa perspectiva, a identidade não pode ser compreendida como um atributo fixo, mas como uma construção social continuamente produzida nas relações estabelecidas no interior da comunidade. Conforme Gomes (2023), a interseccionalidade permite compreender como raça, gênero, classe e religiosidade atravessam a experiência dos sujeitos e influenciam seus processos de reconhecimento e pertencimento. As identidades negras são construídas em meio às relações sociais e às experiências históricas de resistência, sendo permanentemente reafirmadas nos espaços em que a cultura afro-brasileira é vivenciada e valorizada.

Os ritos, os mitos e as performances sagradas, observadas no terreiro da Nação Xambá, devem ser analisados como dispositivos de socialização e construção de pertencimento coletivo, sendo inseparáveis da dimensão educativa que os perpassa.

Em síntese, é necessário destacar que os aportes teóricos aqui mobilizados não operam de modo estanque, mas se entrecruzam para sustentar uma leitura crítica, sensível e situada das práticas educativas da Nação Xambá. Trata-se de reconhecer o terreiro como espaço pedagógico legítimo, portador de uma racionalidade própria, que desafia os limites da epistemologia eurocentrada e contribui para a construção de uma educação decolonial, plural e comprometida com os direitos dos povos historicamente marginalizados.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, ancorada na perspectiva etnográfica, por compreender que tal orientação metodológica permite uma imersão profunda no cotidiano dos sujeitos, de modo a apreender os sentidos e significados das práticas culturais e educativas vivenciadas em contextos de resistência afrodescendente. A etnografia será, portanto, o principal método adotado, articulando observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros imagéticos como técnicas complementares de produção de dados.

As observações de campo foram realizadas no Centro Cultural Grupo Bongar Nação Xambá, situado no Quilombo Portão do Gelo, em Olinda, Pernambuco. Nesse espaço, foram registradas atividades como rodas de conversa, contação de histórias, oficinas e aulas sobre religião afro-brasileira.

O ambiente se destaca por elementos simbólicos como o baobá sagrado, esculturas de ferro, altares devocionais e pinturas afro-religiosas, os quais configuram o terreiro como um território de memória, identidade e espiritualidade. Os registros dessas experiências foram sistematizados por meio de diários de campo e fotografias que captaram aspectos simbólicos e interativos relevantes das práticas observadas.

As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas a duas educadoras e uma liderança do terreiro, buscando captar as experiências, memórias e perspectivas das participantes sobre ancestralidade, identidade étnico-racial, resistência simbólica e práticas formativas. A flexibilidade dessa técnica favoreceu a emergência de narrativas espontâneas e permitiu o aprofundamento em temáticas significativas para os interlocutores.

Durante todas as etapas da pesquisa empírica, foi observada uma postura ética e respeitosa, conforme as diretrizes previstas na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. As participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo e convidadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram utilizados nomes verdadeiros e a autorização para captação e uso de imagens foi formalmente solicitada e concedida, garantindo o direito à imagem e o respeito à privacidade dos envolvidos.

Complementarmente, foram analisados objetos simbólicos produzidos pelo terreiro visando ampliar a compreensão das mediações culturais e políticas presentes no espaço e as estratégias educativas que ali se desenvolvem, evidenciando a centralidade do terreiro como instância formadora de sujeitos críticos e politicamente situados.

A adoção de uma abordagem etnográfica possibilitou apreender não apenas os elementos objetivos das práticas culturais, mas, sobretudo, os significados subjetivos

mobilizados nas interações, rituais e discursos. Dessa forma, a metodologia utilizada buscou evidenciar como a Nação Xambá constitui um espaço de formação identitária, de preservação das matrizes africanas e de enfrentamento às opressões históricas que atingem os povos de terreiro no Brasil contemporâneo.

4 ANÁLISE ETNOGRÁFICA

A etnografia realizada no Centro Cultural Grupo Bongar – Nação Xambá revela a complexidade e a profundidade das práticas educativas e culturais que ali ocorrem. A escuta atenta às falas das interlocutoras evidencia que o terreiro, mais do que um espaço religioso, é um território educativo de resistência, pertencimento e produção de saberes afrocentrados.

Como afirma Mariana Amorim (2025):

> "É no terreiro que reverencio minha ancestralidade, reconheço quem me sustenta e me sinto parte de uma história maior". – "Dentro do contexto do terreiro, temos muitas formas de entender o que é ser liderança, pois há babalorixás e iyalorixás (os postos mais altos), mas há também cargos específicos voltados ao cuidado com os orixás, como é o caso dos ogans, ekedes, iyalaxés, iyakekerês, ajibonans, etc". – "No terreiro, a identidade negra é vista como força, como herança, como continuidade. Nós, pessoas de Candomblé, temos a chance de reconexão com nossa ancestralidade, de reconhecer nossos ancestrais, compreender nossa espiritualidade e entender que fazemos parte de uma trajetória coletiva de resistência. Os rituais, a música, a dança, as rodas de conversa e os ensinamentos que integram o cotidiano do terreiro ajudam a reconstruir uma imagem complexa sobre o que é ser negro no Brasil. Ali, a cultura afro-brasileira não é folclorizada: ela é vivida, respeitada e celebrada" (Amorim, 2025).

Essa dimensão simbólica do espaço se alinha à concepção de território educativo descrita por Lima e Tetzlaff (2024), que compreendem esses espaços como locais de produção de conhecimento influenciado por saberes comunitários. As fotos a seguir mostram o Centro Cultural Grupo Bongar – Nação Xambá:

Foto 01: A localização da entrada



Fonte: Autores da pesquisa (2025).

Foto 02: Altar de Cosme, Damião e Doum



Fonte: Autores da pesquisa (2025).

Foto 03: Escultura de ferro para espantar más energias



Fonte: Autores da pesquisa (2025).

Foto 04: Parte interna em homenagem a Dona Gogó



Fonte: Autores da pesquisa (2025).

Foto 05: Pinturas afro-brasileiras



Fonte: Autores da pesquisa (2025).

A construção identitária negra emerge como tema central na vivência das entrevistadas. A docente Mariana Amorim destaca que, no terreiro, ela se sente "mais negra", já que ali "não há imposições brancocêntricas de conduta ou aparência" (Amorim, 2025). Já a docente Keli Rodrigues ressalta:

> - "Me compreendo racialmente enquanto uma mulher negra, e em um terreiro a ancestralidade afro-referenciada é latente, então é como se eu pudesse ser 'mais negra'. É quase metafísico, enquanto outros ambientes exigem de mim uma padronização 'brancocêntrica', lá é natural ser e estar na minha negritude" (Rodrigues, 2025).

Essa percepção está em consonância com os apontamentos de Gomes (2023), ao tratar da interseccionalidade como chave analítica para compreender como raça, gênero e espiritualidade se articulam na experiência dos sujeitos. O terreiro torna-se, assim, um lugar de liberdade ontológica e de reconfiguração da subjetividade negra. Além do que, o terreiro se configura como um espaço simbólico de afirmação da identidade negra, no qual seus integrantes encontram condições para vivenciar sua ancestralidade, espiritualidade e pertencimento coletivo sem as marcas cotidianas do preconceito e da discriminação. Mais do que ressignificar experiências históricas de exclusão, esse espaço busca preservar e fortalecer um patrimônio cultural singular, cujos valores, saberes e práticas resistem às pressões de uma sociedade historicamente estruturada pela hegemonia de referenciais eurocêntricos e pelo racismo.

No que se refere à transmissão dos saberes, todas as entrevistadas enfatizam o papel formativo das práticas musicais, dos rituais, das narrativas orais e das interações corporais. A líder Dona Gogó (Glória) ressalta que "a transmissão dos saberes para as crianças é essencial, porque os pais não o fazem em casa" (Gogó, 2025). A observação de Dona Gogó permite compreender que a educação promovida na Nação Xambá não se restringe aos rituais religiosos, mas constitui uma prática comunitária de cuidado e corresponsabilidade. Ao afirmar que muitos pais não realizam essa transmissão em casa, a liderança não atribui às famílias uma negligência, mas revela as transformações das dinâmicas familiares contemporâneas e os desafios impostos pelas condições sociais em que vivem. Nesse contexto, o terreiro assume uma função complementar à educação familiar, tornando-se um espaço no qual crianças e jovens têm acesso a valores, narrativas, práticas culturais e referências identitárias que fortalecem o sentimento de pertencimento e asseguram a continuidade da memória coletiva da comunidade.

A dimensão comunitária do Bongar se expressa nas práticas cotidianas de cuidado, acolhimento e valorização das múltiplas vozes. Nesse contexto, a transmissão dos saberes não se reduz à simples transferência de conhecimentos entre gerações, mas constitui um processo dialógico e experiencial, no qual ensinar e aprender se entrelaçam nas práticas cotidianas do terreiro. As crianças participam ativamente desse processo, aprendendo pela convivência, pela observação, pela música, pelos rituais e pelas interações comunitárias. Como afirma Keli Rodrigues, "desde muito cedo são musicais e tocam instrumentos", vivências que fortalecem sua relação com a ancestralidade e com a identidade coletiva.

A liderança é compreendida de forma plural e comunitária. Embora Dona Gogó se reconheça como liderança, ela define esse papel como um "trabalho constante, atento, de zelar por tudo e todos". Mariana, por sua vez, afirma que liderança no terreiro "é cuidado, responsabilidade e compromisso com a ancestralidade", independentemente de cargos formais. Essa noção amplia os conceitos tradicionais de autoridade e reforça a lógica coletiva e horizontal das comunidades de terreiro, como discutido por Pessin e Ulrich (2023).

As tensões com o mundo externo também são recorrentes nos relatos. Dona Gogó narra episódios de racismo e violência por parte de vizinhos que se opuseram à nomeação do terminal integrado de ônibus urbanos como "Xambá", evidenciando a persistência do racismo religioso e estrutural. Keli e Mariana também relatam incômodos de moradores diante dos sons dos batuques e experiências de preconceito vividas pelas crianças fora do terreiro.

Tais relatos reforçam os apontamentos de Fonseca *et al.* (2025) acerca da urgência de políticas educativas antirracistas que dialoguem com os saberes e as práticas das comunidades tradicionais. Durante o trabalho de campo, chamou a atenção a forma como os momentos de convivência eram constantemente marcados pelo diálogo. Em uma das rodas de conversa acompanhadas, por exemplo, a discussão sobre as atividades do terreiro foi naturalmente ampliada para reflexões sobre a importância de assumir a identidade Xambá, enfrentar os preconceitos vivenciados fora da comunidade e preservar os ensinamentos dos mais velhos. Mais do que transmitir conhecimentos, esses encontros revelaram um processo coletivo de construção de sentidos, no qual a oralidade desempenhava papel fundamental na formação das novas gerações e na reafirmação do pertencimento comunitário. Nesse aspecto, a educação vivenciada no Bongar constitui uma prática cotidiana de resistência, articulando memória, ancestralidade e compromisso com a continuidade da cultura Xambá.

Contudo, apesar dos conflitos, as práticas do Bongar são ressignificadas como resistência ativa. Mariana observa que "o terreiro reafirma que ser negro é ter uma história vasta, rica e ancestral", funcionando como um lugar de cura e afirmação coletiva. Keli complementa essa visão ao dizer que ali se pratica uma "outra forma de viver, coletiva, compartilhada, circular", ecoando as concepções de quilombo e de confluência de Antônio Bispo dos Santos (2025).

Por fim, a análise etnográfica permite afirmar que o Centro Cultural Grupo Bongar – Nação Xambá configura-se como um espaço formativo e simbólico de profunda relevância para a valorização das culturas afro-brasileiras. As falas das entrevistadas, entrelaçadas à bibliografia especializada e às observações, revelam um campo educativo que rompe com os paradigmas convencionais e reafirma os modos próprios de ensinar, aprender e resistir das populações de terreiro. Trata–se, portanto, de uma pedagogia enraizada na ancestralidade, na coletividade e na dignidade dos povos afrodescendentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as práticas educativas e culturais do Centro Cultural Bongar - Nação Xambá, em Olinda (PE), destacando seu papel na construção das identidades étnico-raciais e na resistência simbólica das populações afrodescendentes em contexto urbano. A investigação, de base etnográfica, permitiu acessar os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas vivências no terreiro, revelando a riqueza pedagógica e política dos saberes produzidos nesse espaço.

Os dados coletados confirmam que o terreiro é muito mais que um espaço religioso. Ele se constitui como um território educativo afrocentrado, no qual se desenvolvem práticas formativas ancoradas na oralidade, na corporeidade, na ancestralidade e na vivência comunitária. Os relatos das participantes revelam que, nesse contexto, a identidade negra é valorizada como herança e força coletiva, sendo ressignificada a partir de experiências concretas de pertencimento, espiritualidade e resistência cotidiana.

A escuta das vozes das mulheres mostrou que a Nação Xambá não apenas acolhe a diversidade, mas a transforma em fundamento ético e político de sua prática educativa. A interseccionalidade emerge, portanto, como eixo transversal das relações ali estabelecidas, permitindo compreender como raça, gênero, classe e religiosidade se articulam de forma complexa nas trajetórias dos sujeitos.

Ao longo do estudo, ficou evidente que as práticas pedagógicas do terreiro se contrapõem à lógica escolar tradicional, marcada por padrões eurocentrados e racionalidades fragmentadas. O terreiro educa por meio da vivência, da escuta, do afeto e da ritualização da memória ancestral. Essa pedagogia de resistência reafirma a importância dos saberes populares e tradicionais como fundamentos legítimos da formação humana e social.

A pesquisa também evidencia os desafios enfrentados por esses territórios simbólicos. O racismo religioso, as tentativas de silenciamento cultural e as tensões com o entorno urbano ainda persistem, reafirmando a urgência de políticas públicas que reconheçam os terreiros como espaços de produção de conhecimento e agentes ativos na construção de uma sociedade plural e antirracista.

Conclui-se, portanto, que reconhecer a Nação Xambá como território educativo é reconhecer sua centralidade na luta por justiça social, na valorização das culturas afro-brasileiras e na construção de epistemologias africanas. Trata-se de um convite à academia e ao campo educacional para ampliar seus horizontes e dialogar com saberes e práticas historicamente marginalizados, mas profundamente potentes e transformadores.

Assim, o presente trabalho reafirma a etnografia como caminho fecundo para compreender as múltiplas formas de educar presentes nos contextos tradicionais de matriz africana, e destaca a urgência de uma educação decolonial comprometida com a dignidade, a memória e a resistência dos povos negros do Brasil.

REFERÊNCIAS

BACHTOLD, V. I.; ROBERT, R. R. *Políticas públicas e usos de evidências no Brasil*: conceitos, métodos, contextos e práticas. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2022. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/e0fd25c9-906d-4253-8ba2- 9dc9d9e5dbb7/contente. Acesso em: 20 de novembro 2025.

CARVALHO, J. J. "O olhar etnográfico e a voz subalterna". *Revista Horizontes Antropológicos*, v.01, n.15, p.1-41, 2001. Disponível em: https:// www.scielo.br/j/ha/a/kNnShbTR3wLSWgCspyx8JBv/?format=html&lang=pt. Acesso em: 20 de novembro 2025.

FONSECA, F. M. E.; PADILHA, F. J.; FILHO, L. S. B.; SOARES, I. J. G. M.; TESTA, O. R. M.; SILVA, I. J. G. M.; GONÇALVES, R. N.; MOURA, R. M.; GOMES, S. M. A. "Currículo e diversidade cultural: caminhos para uma educação antirracista e plural". *Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem (Rebena)*, v.12, n.40, p.1-9, 2025. Disponível em: https:// rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/433. Acesso em: 20 de novembro 2025.

GOMES, L. N. "Estudos e pesquisas sobre educação, raça, gênero, e diversidade sexual". *Revista e Sociedade,* v.44, n.12, p.1-8, 2023. Disponível em:https://www.scielo.br/j/es/a/kWym5qKLCgwjzBGPCBZYSsM/?format=pdf&la ng=pt. Acesso em: 20 de novembro 2025.

LIMA, T. C. P. A.; TETZLAFF, B. M. Í. "Território educativo: ações integradoras e intersetoriais de um projeto em instituições de educação infantil". *Revista Caderno Pedagógico*, v.21, n.13, p.1-17, 2024. Disponível em: https:// ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/11679. Acesso em: 20 de novembro 2025.

MATTOS, G. L. C. "A abordagem etnográfica na investigação científica". Campina Grande: EduePB, p.1-37, 2011. Disponível em: https:// backoffice.books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf. Acesso em: 20 de novembro 2025.

NEVES, V. F. A. "Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados". *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v.01, n.01, p.1-17, 2006. Disponível em: https://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/issue/view/v1n1. Acesso em: 20 de novembro 2025.

PEREIRA, R. J.; PALHARES, V. J.; OLETO, F. A. "'Eu respeito seu amém, você respeita meu axé': um estudo etnográfico sobre terreiros de candomblé enquanto organizações

de resistências à luz de um olhar decolonial". *VI Encontro da Anpad*, v.05, n.12, p.1-21, 2022. Disponível em: https:// anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/c17028c9b6e0c5deaad29665d582 284a.pdf. Acesso em: 20 de novembro 2025.

PESSIN, E.; ULRICH, B. C. "Antropologia da religião: a construção da antropologia no Brasil e religiões afro-brasileiras". *Revista Em Favor de Igualdade Racial*, v.06, n.02, p.1-22, 2023. Disponível em: https:// periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/6466. Acesso em: 20 de novembro 2025.

PORTUGUEZ, P. A.; MARCELINO, M. M. "Religiosidade afro-brasileira, educação para as relações étnico-raciais e a formação docente na perspectiva da sociointeratividade". *Revista Educação Popular*, v.14, n.02, p.1-16, 2022. Disponível em: https:// art_12 (2).pdf. Acesso em: 20 de novembro 2025.